



LEITURA AFRO-BRASILEIRA E LEITOR CULTURAL NA ESCOLA

AFRO-BRAZILIAN READING AND THE CULTURAL READER IN SCHOOL

Deise Santos do Nascimento¹
Rejanilza Santos da Silva Barboza²

Resumo: O artigo trata a proposta da apresentação da temática afro-brasileira, na sala de aula, a partir de um trabalho desenvolvido com os textos literários. Na oportunidade, utiliza-se a obra *O Cortiço*, Aluísio Azevedo (1884), apresentando-a capaz de dialogar com questões e experiências vividas pelo leitor. Dessa forma, faremos uso, primeiramente, de um debate que localize o conceito acerca do que representa a literatura afro-brasileira, a partir de estudos que partem de Duarte (2011), entre outros; seguido do tratar da leitura literária na escola por meio do modelo cultural de leitura, proposto por Gomes (2012).

Palavras-chave: Leitura. Escola. Leitor. Identidade. Recepção.

Abstract: The article deals with the proposal of the presentation of the Afro-Brazilian theme in the classroom, based on a work developed with literary texts. In the opportunity, the work *O Cortiço*, Aluísio Azevedo (1884), is used, presenting it able to dialogue with questions lived by the reader. In this way, we will first use a debate that locates the concept about what Afro-Brazilian literature represents, based on studies that depart from Duarte (2011), among others; Followed by the treatment of literary reading in the school through the cultural model of reading, proposed by Gomes (2012).

Keywords: Reading. School. Reader. Identity. Reception.

Introdução

Ao tratar especificamente de textos que trazem a temática da cultura africana, o pesquisador Eduardo de Assis Duarte em seu artigo *Por um conceito de literatura afro-brasileira* nos esclarece acerca de algumas particularidades que devem ser levadas em consideração, quando então tratarmos de textos oriundos e identificados como uma literatura afro-brasileira, tais como:

¹ Mestra pelo PROFLETRAS. Professora da rede pública do Estado de Sergipe.

² Mestra pelo PROFLETRAS. Professora da rede pública municipal e estadual de educação - Euclides da Cunha- BA.

Uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo (DUARTE, 2011, p.07).

Nesse contexto, percebe-se que a obra *O Cortiço* compactua com a discussão de Duarte, pelo fato de que Aluísio Azevedo disponibiliza no enredo indícios de que sua vida pode ter influenciado na construção das personagens. O autor - natural do Maranhão, estado que pertence a uma das regiões do Brasil com maior número de escravos e onde a cultura negra é muito marcante; filho de pais separados; morador do Rio de Janeiro, terra tida como o berço do samba e do carnaval - é reconhecido como “O primeiro romancista de massas” da literatura brasileira.

Portanto, sob um olhar particular e pessoal acerca da cultura popular, em especial às questões afro-brasileiras, ao longo desse artigo, discutiremos como as questões culturais podem corroborar para a formação do leitor literário, dentro do contexto escolar. Como instrumento dessa discussão, trazemos as representações culturais das personagens negras presentes na obra *O Cortiço*, a exemplo da comida, dos costumes, da música e da dança, para tratar das possibilidades de leitura literária na escola.

A leitura de *O Cortiço*

Identifica-se que o texto literário selecionado para a ocasião nos traz algumas personagens e situações que nos possibilita fazer um estudo analítico acerca da condição do negro no Brasil, desde o século XIX, momento de publicação do texto, até os dias de hoje; o que corrobora para a formação crítica do nosso leitor de nível escolar. É interessante perceber que cada personagem em *O Cortiço* tem seu espaço delimitado para o retrato social, em virtude também, da obra ser da estética Naturalista e por ter um caráter científico, de análise da condição humana. Tal fato, então, contribui com o que temos para a função de cada elemento que dá vida à narrativa da obra e que nos possibilita

realizar um diálogo entre a memória de mundo e o que se adquiri, ao longo da leitura, com a memória literária.

Tipos como Rita Baiana, Bertoleza, Capoeirista Firmo, Lavadeiras e a Raia Miúda são os negros da obra que num processo de atualização para os dias de hoje são, nesta ordem, a mulher vista como desejo para atendimento ao sexo do homem branco, a trabalhadora ainda escrava lotada nas atividades tidas como inferiores na sociedade (serviços domésticos, limpeza, cuidadoras, cozinheira etc), o trabalhador brasileiro e todos aqueles que não conseguiram se inserir na sociedade e por isso são tidos como marginalizados e excluídos.

O romance *O Cortiço*, datado a sua primeira publicação em 1890, representa, diante da proporção como descreve as cenas, os fatos e as personagens, como uma cópia fiel do comportamento e vida daqueles trabalhadores humildes e excluídos na sociedade; dentro de um espaço físico, limitado, e que para o leitor real, que aqui defendemos construir no espaço escolar, é esperada uma “recepção atenta de questões que envolvam o sentido de ética” (TINOCO, 2010, p. 60).

Contudo, diante desse cenário, o que percebemos é que o que pode ser compreendido como uma representação do negro na Literatura Brasileira é a marca sempre forte e determinante de estereótipo e preconceito, sujeitados dentro de uma época. Desde os tempos do período da escravidão, os negros são representados pelos literários como aquele ser “de índole escrava, humilde e resignado, como aparece no romance de José de Alencar” (CASTILHO, 2004, p. 38).

Observa-se, então, que diante desse contexto, por mais que houvesse esforços, difícil era abonar tal marca degradante, oferecida aos afrodescendentes. Nas obras, a descrição, em especial as do período naturalista, das personagens de origem negra são descritas com exagerado aspecto imoral, algo relacionado à feiura e bestialidade, o que ratifica como um ser inferior tanto numa visão biológica, como culturalmente.

A ideia, então, que esses romances promoviam é que “a companhia de negros não é saudável porque eles não controlam seus instintos animais, não tem moral e podem destruir a de quem tem, no caso, a moral dos brancos” (CASTILHO, 2004, p. 38).

Uma literatura afro-brasileira e o leitor escolar

Aqui fazemos uma abordagem cultural para a leitura do texto literário, para a formação crítica do leitor, a partir do debate em torno das questões étnico-raciais verificadas na literatura brasileira. Na oportunidade, consideramos o leitor um coautor no processo de recepção do texto literário, pois é responsável pela atualização dos sentidos do texto, conforme discorre Roland Barthes. Portanto, como modelo de leitura, analisaremos a representação da mulher negra em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Como base teórica, no primeiro momento, selecionamos critérios e conceitos que perpassam a literatura afro-brasileira de acordo com Eduardo Duarte e no segundo, construímos um roteiro de leitura, para o romance selecionado, a partir da intertextualidade cultural e do olhar crítico de Stuart Hall, acerca de questões identitárias.

A presença do texto literário na atualidade, nas salas de aula das escolas públicas brasileiras, mostra-se cada vez mais problemática em se lidar. O uso do texto e conseqüentemente sua aplicação muitas vezes não agrega valor ou sentido ao leitor, que por sua vez não encontra motivação para o contato e leitura do texto solicitado. À luz dessa situação e envolvido às circunstâncias midiáticas é que cada vez mais surgem os “novos leitores”, seduzidos, a buscarem novas alternativas de leitura que contemplem suas expectativas, gostos, temática atualizada; o que conseqüentemente proporciona o não contato com os textos literários trabalhados e solicitados nas aulas de literatura/ leitura.

Diante de tal realidade, percebe-se que um olhar diferenciado deve ser atribuído aos textos literários em sala de aula. Assim, o professor é instigado a se deparar com determinados questionamentos para bem realizar o desenvolvimento das práticas de leitura com os alunos, acerca do texto adequado para o trabalho em sala de aula com os jovens que têm pouco interesse pelas leituras propostas na escola e com metodologias contextualizadas ao leitor.

Assim, acredita-se que chega o momento de tratar o texto, em sala de aula, a partir de uma abordagem cultural, diferenciada, atualizada com os anseios de quem o lê e como um instrumento de construção social. Portanto, à luz de tal situação, apresentamos uma discussão sobre uma oportuna metodologia a ser dada a esses textos na escola; de maneira que, através dela, possa ser possível formar leitores críticos acerca da realidade em que vivem e/ou situações envolvidas.

Para tal, traremos uma proposta de leitura cultural da obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, a partir de uma leitura feita com base em levantamentos de reflexões sobre a condição humana na sociedade de hoje, a exemplo da verificação das questões étnicas e como elas interferem na construção do senso crítico diante da verificação das relações de trabalho e apresentação da mulher diante de um olhar, histórico, como símbolo de desejo sexual.

Na oportunidade, conduziremos a leitura do texto a partir da análise das questões étnico-raciais na obra, a partir de uma amostragem do estereótipo construído à mulher negra e mulata de nossa sociedade. Para tal estudo, faremos uso das considerações de Duarte (2010) sobre a construção da visão e papel da mulher afrodescendente desde o período Colonial e o que se preserva acerca dessa questão, até os dias de hoje. No mais, encontraremos, ainda ao longo do texto, considerações sobre identidade e alteridade a partir de Stuart Hall (2006).

Como aqui abrimos o debate sobre uma possibilidade metodológica de leitura literária a partir da atualização do texto com o seu leitor; dessa forma, devemos pensar a tessitura literária como um instrumento de construção social e entender que a seleção do enredo, a ser trabalhado em sala de aula, pode e deve participar de uma identidade cultural ou um registro de sentimento nacional. Abordamos, então, o estereótipo atribuído à mulher negra e mulata brasileiras, resquício do período de colonização e identificado nas obras de nossa literatura da maneira como se observa na nossa atual sociedade.

Diante dessa análise, abrimos a oportunidade de perceber como se trabalha a formação da identidade brasileira acerca das questões étnico-raciais e a postura que tomamos diante dela, pois segundo Stuart Hall “as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2006, p. 48).

Nisso, entende-se que o leitor ao se deparar com um texto no qual tal questão é tratada e o comparando a outros textos que discutam a mesma temática, porém mais atuais aos dias em que vive, estará tendo a oportunidade de construir seu senso crítico e melhor, assim, compreender a sua condição social. Dessa forma, entendemos o quanto é interessante proporcionar uma leitura intertextualizada, intercultural, ou seja, promover o intertexto cultural para a motivação do contato com um texto do século XIX, como já bem coloca o pesquisador Carlos Gomes quando diz que “o intertexto cultural pede um processo de

recepção ativa para além do texto literário, pois convida o leitor a propor novos sentidos para os signos textuais através da atualização dos códigos literários” (GOMES, 2014, p. 105).

Para tal, observa-se o momento que o texto literário não pode mais ser tratado somente a partir da verificação de questões estéticas. Para os dias de hoje, a leitura deve ser tratada como um instrumento de formação social, mesmo que estejamos falando de textos do século XVIII e XIX; para isso o leitor deve ser conduzido a uma leitura colaborativa, que ele seja, no ato de ler, um coautor e assim preencha os “espaços vazios” (ECO, 2005, p. 46), oportunizados pelo autor.

Portanto, a leitura deixará de ser estática e descontextualizada, pois a partir do rompimento do tratamento tradicional ao texto e a passagem da utilização de uma “perspectiva cultural” (GOMES, 2014, p. 104), daremos a oportunidade de dinamizá-lo, pois fazendo uso dos instrumentos estéticos aos culturais de uma determinada obra motivaremos o leitor à leitura, uma vez que verá sentido em realizá-la.

Carlos Gomes ainda discute que:

essa forma de leitura é sustentada pelo prisma dos estudos de gênero e da sexualidade que revisam as construções identitárias da criança, do adolescente, da mulher e do idoso; ou das identidades étnico-raciais que perpassam as representações da identidade nacional, do negro, do índio, entre tantas outras (GOMES, 2014, p. 104).

Com base nessas informações, vemos aqui a oportunidade de tratar as obras literárias na sala de aula por meio de uma metodologia que contemple um roteiro de leitura que seja capaz de selecionar variados textos “para compor nossas intertextualidades culturais e estéticas, priorizando a abordagem de formação da cidadania do leitor” (GOMES, 2014, p. 104).

Em tal espaço a tessitura literária dará prazer ao leitor, pois da maneira como será tratado e pela análise de sua escritura nos convidará a adentrá-lo, pois “a escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu *kama-sutra*” (BARTHES, 2013, p.11) e a esse fato perceberemos que o texto denota seu prazer quando bem se adentra a ele, isto é, a partir do momento da elaboração de um roteiro de leitura pense-se que o texto pode ser flexível, que ao texto possa ser disponibilizado variados olhares; o que dependerá da posição do seu leitor.

Por isso, para a promoção da conquista, Roland Barthes considera que a prática deve ser livre, que haja “a liberdade de ler o texto como se já tivesse sido lido” (BARTHES, 1992, p. 49), que usemos as “portas de leitura” e que em todas as portas possamos verificar uma nova abordagem, um novo sentido. Segundo o autor, “a releitura é aqui proposta, pois apenas ela é capaz de salvar o texto de repetição (aqueles que não releem estão condenados a ler em tudo a mesma história), de multiplicá-lo em sua diversidade e em seu plural: a releitura arranca o texto da cronologia” (BARTHES, 1992, p. 49).

Contudo, é sob essa atmosfera e à luz dos teóricos citados que conduziremos nosso trabalho. Com foco na utilização de um método que seja capaz de trazer o texto que promova um debate e consequentemente, através da maneira como é conduzido, que se oportunize a formação de um público leitor crítico e independente no ato de ler.

Dessa forma, nada mais que necessário que o espaço escolar proporcione um ambiente adequado para a motivação do referido debate e que nessa oportunidade o professor possa ser o motivador para a busca da reflexão acerca do lugar do negro na sociedade. Para tal questão Gomes (2012) coloca que seguindo essas pegadas, procuraremos construir um modelo de leitura ideologicamente marcado pela valorização dos direitos humanos, visto que os professores precisam se mover pelos diferentes lugares de significação. (GOMES, 2012, p. 18)

Diante da obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, temos a oportunidade de proporcionar a leitura do texto literário, em questão, de maneira diferenciada, isto é, dando atenção a um olhar contextualizado e chamando a atenção para questões, até então, marginalizadas ou mesmo esquecidas em nossa sociedade. Na ocasião, propomos uma leitura feita de maneira dialógica entre o texto e o leitor, de tal forma que se promova a reflexão acerca da condição da mulher negra e mulata em nossa sociedade, a partir do que é visto na literatura.

Sobre a condição e o papel limitado às mulheres da referida raça, os textos literários nos trazem uma breve representação e, por meio dessa, observa-se que “a condição do *corpo disponível* vai marcar em especial a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução” (DUARTE, 2010, p. 24).

Em *O Cortiço*, dentro da história literária do Brasil, por si só, consegue roubar a cena e ser uma obra destacada no cenário da estética Naturalista, por bem representar os conceitos do determinismo, da evolução e condição humana; tópicos expressos como base teórica do movimento estético da época. A obra consegue ir além, uma vez que consegue desenhar ao longo de sua narrativa determinadas questões que inclinam o leitor para uma identificação com uma ou outra personagem, ou mesmo com algum evento/ fato apresentado ao longo da obra.

Nessa oportunidade, percebemos que o texto apresenta um problema que vem até os dias de hoje, como as questões afro-brasileiras, porém por ser do século XIX carrega em si uma linguagem arcaica e descontextualizada do leitor da atualidade; dessa forma, o que se propõem é a realização de uma leitura em formato colaborativo, de maneira que haja um espaço investigatório acerca da condição da personagem e identidade do leitor.

Portanto, vislumbra que por meio do método cultural de leitura, de Gomes (2014) tem-se o momento de promover a prática da leitura literária chamando a atenção para os pontos que estão envolvidos no contexto de quem lê e conseqüentemente as questões étnico-raciais que tão forte aparecem excluídas em nossa sociedade. Dessa forma, abre-se o espaço para a leitura do texto a partir de intertextualidades estéticas e culturais, tais como em vídeos, músicas, textos literários atuais etc. Assim, o texto passa a ser tratado de maneira diferenciada; ao invés de termos um caminho interpretativo unilateral, o seu exercício será com base em outros textos, partindo para a comparação de seus aspectos culturais.

Os dias atuais passam a se encontrar no tempo da narrativa, ou seja, o comportamento preconceituoso social, em meio a várias situações, em especial ao tratamento ofertado à mulher negra e mulata, o rótulo do uso de seu corpo de maneira sexualizada, corrobora com a identificação do leitor com a temática e conseqüentemente com uma determinada personagem, no caso, em especial, da Obra *O Cortiço*, principalmente quando ele é oriundo das classes marginalizadas da sociedade. O transcorrer da narrativa da obra apresenta-se de maneira idêntica à realidade do leitor, o que fica claro a necessidade de realizar sua leitura de forma contextualizada e atualizando seu enredo à época e necessidade do nosso tempo, como pode observar no trecho a seguir:

Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação. [...] Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem (AZEVEDO, 1984, p.21).

Para a promoção dessa identificação, o método cultural propõe que seja feita uma leitura intertextualizada do texto literário com outros próximos à realidade e experiências do leitor, pois através desse diálogo o praticante da leitura possa vivenciar os conflitos artísticos e ideológicos responsáveis pela estruturação e sustentabilidade da obra, uma vez que cada texto é possuidor de uma atmosfera que nos possibilita debruçar um olhar além do campo artístico, uma vez que contém signos que nos levam a significados específicos ao meio cultural, algo bem próximo ao contexto elaborado pelo autor que conseqüentemente será o do leitor e automaticamente o coautor do processo de construção de sentido.

Assim, acreditando em um método de leitura capaz de conduzir a interpretação textual, de maneira heterogênea, será possível oferecer ao leitor uma formação politizada a partir de uma mediação com base em releituras de textos literários verificando estrutura, por meio de suas marcas, dando oportunidade a continua produção de interpretações. O texto literário deve ser visto por meio de uma metodologia que,

se projeta como análise de fronteiras atravessadas por vários saberes por meio dos quais o/a leitor/a é desinstalado/a de seus territórios e é convidado/a a atravessar essas fronteiras, por meio de uma mobilidade que dialoga com outros pressupostos teóricos e seus referenciais (MARQUES apud GOMES, 2014, p. 27).

Nesse sentido, retornamos ao texto de Aluísio Azevedo e verificamos como os conceitos de identidade são bem aplicados a ele. Cada personagem é apresentada de uma maneira especial capaz de representar uma particularidade dos reais atores de nossa sociedade, a exemplo da relação leitor X Rita Baiana; mulata sensual que representa bem o estereótipo da mulher brasileira, cheia de sensualidade e gingado. Desejada por todos os homens, carrega em si um comportamento totalmente visto pelo homem “branco”, que escolhe esse perfil para

chamar de mulher brasileira, a mulher que atende a seus desejos com traços não comuns na Europa.

Contudo, é importante frisar que tal perfil é construído diante de um olhar do homem do século XIX, de aspecto colonizador, o qual deixa transparecer as marcas de uma sociedade marginalizada e fadada ao insucesso.

— Olha! quem ai vem!
— Olé! Bravo! É a Rita Baiana!
— Já te fazíamos morta e enterrada!
— E não é que o demo da mulata está cada vez mais sacudida?...
— Então, coisa-ruim! por onde andaste atirando esses quartos?
— Desta vez a coisa foi de esticar, hein?!
Rita havia parado em meio do pátio.
Cercavam-na homens, mulheres e crianças; todos queriam novas dela. Não vinha em traje de domingo; trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de marroquim de diversas cores. No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador. (AZEVEDO, 1984. p. 68-72).

Sobre essa questão, observa-se, por meio da descrição da referida personagem, que a visão atribuída hoje à mulher afrodescendente é um resquício de nossa história, do processo de organização do país o qual Aluísio de Azevedo bem marca e deixa “espaço abertos” em seu texto para o leitor relembrar desse fato e assim refletir sobre a condição do negro na sociedade, em especial a construção da imagem da mulher negra e da mulher mulata, fato que também faz passar em outros textos da história da literatura brasileira.

A personagem Rita Baiana, é aqui o exemplo da condição imposta à mulher negra e da mulata na literatura brasileira, o que não deixa de coincidir e por fim representar o nosso social. Fruto de uma trajetória histórica, a personagem citada, a partir de sua sensualidade,

consegue despertar o desejo de todos os homens, principalmente de um europeu, Jerônimo, que por ser de nacionalidade diferente dos que habitam o cortiço, coloca-se como especial e merecedor do amor da mulata, pois ela sim, segundo o próprio, sabe tratar um homem como deve ser, em detrimento ao tratamento de sua esposa, a Sra. Piedade, de nacionalidade também portuguesa, que bem apenas está limitada a cuidar do lar e ser a acolhedora da família, afinal ela é de etnia branca.

É interessante colocar, também, que essa visão sexualizada da mulher negra surge como uma novidade ao texto de Azevedo. Nele, é clara a descrição em relação às personagens negras que são vistas como sinônimo de um corpo disponível, principalmente as mulatas, um ser sedutor sem direito à razão, sentimentos ou alguma forma de sensibilidade e desejo de formação de uma família. Segundo Duarte, já para uma análise de textos do período Modernista, “a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da mulher fornicaria da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz” (DUARTE, 2010, p. 24), e assim, cabe a ela apenas está a serviço do prazer do homem branco, europeu.

Na oportunidade, pode-se compreender que mesmo diante dessa total atenção dada ao corpo das mulatas, presentes nas obras da literatura brasileira entre o século XIX e XX, em nenhum momento são vistas em uma representação centrada na fertilidade delas; fato esse que denota serem pessoas de total incapacidade para a procriação ou mesmo para deixar claro, dentro de uma visão eurocêntrica, que não há o desejo de gerar ou motivar a afrodescendência no país. Enquanto que as mulheres brancas, apresentadas nas obras, têm uma apresentação sempre como uma figura angelical, puras, dignas sim de serem representantes da organização familiar.

A esse evento, tomando como exemplo a obra *O Cortiço*, Eduardo de Assis considera que a personagem Rita Baiana é a representação máxima do sensualismo exacerbado de uma mulata em textos literários, pois é uma mulher que por meio de suas provocações sensuais é capaz de atrair a satisfação, como também, na mesma intensidade, provocar o ódio que leva à morte; como vimos na narrativa a passagem que trata da disputa pelo amor de Rita entre Jerônimo e Firmo, na qual Firmo cai em uma emboscada idealizada pelo português e vem a falecer, como consta do XV capítulo de *O Cortiço*, além de provocar a destruição da família do líder da pedreira.

Ainda, o pesquisador coloca que “nesse contexto, as cenas de sexo entre Rita e o português tomam forma de paradoxal estupro do homem pela mulher, remetendo a “anjos [Jerônimo] violentados por diabos [Rita]”, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno” (DUARTE, 2010, p. 27-28). Como se observa na passagem a seguir:

Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços; ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-lhe o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e pelado colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescente, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno (AZEVEDO, 1984, p. 207).

Levando esses questionamentos para uma leitura com base no método cultural oportunizaremos ao leitor uma formação do seu senso crítico a partir da visualização do que está ao redor. Dessa forma, a ele agora perguntaríamos: como é representada a mulher brasileira? Qual o motivo de ter como símbolo máximo da sensualidade carnavalesca uma mulata? Quem são as Ritas Baianas na atualidade? Nesse caminho, com base numa investigação “em torno da diversidade identitária, das questões étnico-raciais, de gênero, sexuais, de classe, entre outras”, (GOMES, 2014, p. 21), aproximamos o leitor ao texto realizando uma interpretação de coautoria, ou seja, a construção do sentido parte do próprio conhecimento de quem lê a obra, pois, assim, as informações, num processo de colaboração, são construídas e tornam a leitura mais prazerosa, já que será significativa. Destarte, com esse procedimento verifica-se que ao aproximar o leitor aos textos culturais, ele poderá fazer reflexões sobre a questão do preconceito de outrora, até os dias atuais.

Conseqüentemente a esse processo teremos a formação de leitores a partir de uma mediação com base na resignificação de signos, inclusão das vozes excluídas e de outros gêneros à interpretação dos textos literários.

É interessante aqui colocar, que tal discussão pode ser aproximada ao leitor quando ao debate do texto trazemos exemplos da apresentação de personagens como Gabriela, Tieta e Tereza Batista, todas do autor Jorge Amado e bem contemporâneas, uma vez que temos sempre nos meios de comunicação (TV, cinema, vídeo) produções que bem enfatizam o quanto são objetos de desejo dos homens da sociedade, atraentes, porém dentro desse relacionamento inter-racial, entre qualquer uma personagem citada, há a demonstração e desejo delas em servir ao matrimônio.

Contudo, uma outra descrição de personagem negra na obra é tratada por meio da escrava Bertoleza, a qual tem em sim a representação fiel do sistema do trabalho escravo, o trabalhador submisso em torno do comportamento dominante do homem burguês, no qual deixa claro o quanto as “relações institucionais de poder” (FOUCAULT, 2001, p. 43) também estão presentes na obra, como percebe-se em,

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado (AZEVEDO, 1984, p.16).

No texto, as questões acerca das mulheres negras são melhores pontuadas a cada descrição da participação da personagem Bertoleza na narrativa. Ela é o símbolo máximo da escravidão, o fato de que o negro é sempre posto ao trabalho pesado e inferior, que graças a essa qualidade não é digno de melhores condições, sendo assim tendo que se limitar à submissão aos seus subordinados. Bertoleza representava junto a João

Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante; fato que por ser uma personagem, negra e, ainda do sexo feminino, é sempre apresentada na condição total de inferioridade, ao lado, ou melhor, aos pés de João Romão, no romance aparece sempre como submissa e tem seu fim o suicídio, pois sabe que daquela condição ela jamais passará.

Considerações finais

A partir das considerações apresentadas, o que verificamos até aqui seria o fato que o descrito na obra de Aluísio Azevedo ainda é uma reprodução do olhar da sociedade, do século XIX, ao tratar da mulher negra e da mulher mulata. Mesmo que a literatura seja de um campo ficcional, o discurso apresentado não poupa de transparecer o preconceito e os estereótipos atribuídos a elas; o que se conclui ser nossa sociedade ainda dominada pelo olhar do homem branco e colonizador.

Diante disso, cabe no espaço escolar propiciar ao aluno tal identificação e incentivar esse leitor a ter a postura de um coautor, para então deter considerações críticas acerca da condição da mulher negra; quando desenvolver o sentimento de pertencimento à cultura negra e o respeito à mulher afrodescendente. Dessa forma, acredita-se que a leitura literária a ser desenvolvida em sala de aula terá uma função maior no dia-a-dia do aluno e conseqüentemente sua aplicação será mais significativa dentro e fora do ambiente escolar; o que facilmente proporcionará a motivação ao ato de ler. É através de um estudo da mulher negra vista de forma sensualizada e como escrava, que se torna possível debater sobre os diferentes papéis da mulher na sociedade; e o texto literário dentro de sua subjetividade e estilo contribuirá para a formação de um leitor crítico.

Referências

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Ática, 1984.

BARTHES, Roland. **S/Z**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CASTILHO, Suely Dulce de. **A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas**. Olhar de Professor, vol. 7, núm. 1, 2004.

DUARTE, Constância Lima, DUARTE, Eduardo de Assis & ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Falas do outro – literatura, gênero, etnicidade**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

DUARTE, E. A. **Literatura e afrodescendência no Brasil** – antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2001.

GOMES, Carlos Magno. **Estudos de literatura por meio da interdisciplinaridade dos estudos culturais**. Anais do V Fórum Identidade e Alteridades – GEPIADDE/ UFS/ Itabaiana- Sergipe. 2011.

_____. **Modelo cultural de leitura**. Nonada Letras em Revista. Porto Alegre, ano 15, nº 18, p. 167- 183, 2012.

_____. **Ensino de literatura e cultura do resgate à violência doméstica**. Jundiá. Paco Editorial, 2014.

GOMES, Carlos Magno, Ramalho, Christina & Cardoso, Ana Maria Leal. **Leituras literárias – mito, gênero e ancestralidade**. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

TINOCO, Robson Coelho. **Leitor real e teoria da recepção – travessias contemporâneas**. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

Recebido: 30/06/2017

Aprovado: 08/08/2017